

O franciscano António de Santa Maria: pessoa, formação, missão e trabalho¹

Sérgio Miguel Mota Pinheiro, OFM

Uma história por contar

Desde a primeira hora que me aproximei desta figura e comecei a seguir, através da documentação acessível, os seus passos, logo me dei conta de estar perante uma história por contar, que merecia ser conhecida.

A partir de fontes importantes e inéditas, da Província Franciscana Portuguesa, mas também de outros documentos já conhecidos, ainda que não suficientemente estudados até ao presente, tentarei traçar um esboço biográfico, o mais completo possível, de frei António de Santa Maria.

Célebre por ter colaborado na gesta da reedição dos livros litúrgicos do Rito Bracaraense, isto é, do *Missal e Breviário Bracaraenses*, queremos, neste caso relevar o seu lugar e ação ao serviço da Província e da Igreja num período fundamental para a história dos Franciscanos portugueses.



Frei António de Santa Maria (1864-1938), com Frei Joaquim do Espírito Santo (1870-1915)

Os primeiros anos: 1864-1883

António Correia da Silva, filho de João Correia da Silva e de Maria da Glória Correia, de família abastada, nasce em Vale de Ferreiros, concelho de Vila Marim, diocese do Porto, a 1 de março de 1864. Desde os seus 15

¹ O texto é parte (Capítulo I) da Dissertação Final de Mestrado Integrado em Teologia de Sérgio Miguel Mota Pinheiro, *Obra Litúrgica de Frei António de Santa Maria, OFM: A reforma das últimas edições do Breviário (1920-1922) e do Missal (1924) Bracaraenses* (Braga: 2018), sob orientação do Prof. Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho.

anos de idade, confiado por seus pais aos superiores de Varatojo, estuda no Colégio dos Padres Lazaristas, em Marvila (Lisboa)², a quem os franciscanos entregavam os seus alunos para os estudos “preparatórios”. A 1 de março de 1882, dia em que completa 18 anos, toma o hábito franciscano, dando, assim, início, ao seu percurso religioso franciscano, pelo ingresso no noviciado no Convento de Varatojo³.

No ano seguinte, em maio de 1883, o Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores, frei Bernardino de Portogruaro, visita, inesperadamente, o convento de Varatojo⁴ – onde, então, residia frei António. Neste acontecimento, o Geral promete a frei João da Ss.ma Trindade (seu companheiro de noviciado) levá-los a estudar para Roma⁵. A 3 de março de 1883, faz a

² Cf. João da Santíssima Trindade, *Algumas Notas Biográficas [extracto] a respeito do P. Frei João da Ss. Trindade e Sousa* (Lisboa: pró-manuscrito, 1963), 1-2. A datação para o ano de 1963 é da ‘edição’ tipográfica, de que encontrei referência a partir de uma nota feita à mão (na contra-capá) pelo seu encadernador ou, se não, o seu ‘proprietário’/detentor: «Encadernado a 28.IX.63/ 23 horas. LUZ, Lisboa. Fr. Afonso». No entanto, o documento deve ter sido escrito pelos anos 40-41, segundo deixa entender o autor. Além disso, João da Santíssima Trindade faleceu em 1946.

³ Cf. Bartolomeu Ribeiro, *Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos* (Varatojo: APPOF, pró-manuscrito, 1955), 104. Cf. João da Santíssima Trindade, *Algumas Notas*, 28. Cf. ainda: *Matrícula-Índice: 1815 a 1892* (APPOF, armário I, 3: documento 55), 1.

⁴ Por esta altura, a visita do Ministro Geral ao convento de Varatojo tinha um significado especial, no contexto da vida franciscana em Portugal, pois, no ano de 1883, a vida dos franciscanos no país resumia-se àquele convento, e em regime de ‘clandestinidade’. A vida religiosa, aliás, estava a passar, em todo o país, por uma imensa prova, desde que, em 1834, havia sido decretada a extinção das Ordens Religiosas e a proibição de entrada no noviciado e da emissão de votos. Assim, a Província Portuguesa dos Santos Mártires de Marrocos, à data destes acontecimentos acima descritos, ainda era um projeto, não oficialmente realizado. Proponho à leitura, sobre o assunto da Restauração da Província, os seguintes textos: Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal* (Porto-Lisboa: Livraria Civilização, 1967), 151-153. Ver também: Henrique Pinto Rema, *Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos*, Volume II b (Lisboa: Pro-manuscrito, 2005), 5-15. E ainda: António Montes Moreria, “A Restauração da Província Franciscana de Portugal em 1891.” *Itinerarium XXXIX* (1993), 222.

⁵ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 42-44, onde o frei João conta os pormenores: «Eu é que não me contentava com este curso de Filosofia, para ser padre, como eu compreendia que devia sê-lo. Contudo, calei-me muito caladinho [diz o frei João da S.sma Trindade], e nunca, à cautela, troquei impressões com ninguém a tal respeito. Até que a Divina Providência troxe [trouxe] a inesperada visita do P. Geral, Bernardino de Portogruaro [Portogruaro], ou Romatino, acompanhado do M. R. Rafael d’Aurillac, Definidor Geral, em Maio de 1883. [...] Chegou a minha vez [João da S.sma Trindade] de ir à presença do P. Geral, como é uso quando nos apresentamos aos Visitadores. Eu ia a tremer de comção. Pensava comigo: falo, comunico a minha ideia ao único que a pode compreender e fazer que eu a realize, ou calo-me? Pedi a Deus que me inspirasse. Enchi-me de coragem, apesar de saber que se o meu pensamento não fosse bem acolhido, e os fradinhos de Varatojo o viessem a conhecer, a minha carreira religiosa e franciscana corria o maior risco. Mas N. Senhor protegia-me, estava comigo. Quando ajoelhei aos pés do Geral, senti em mim uma

profissão dos votos temporários na Ordem, onde recebe o nome religioso de frei António de Santa Maria⁶.

Franciscano e Sacerdote – estudos em Roma: 1884-1892

Ainda como professo temporário, toma parte no primeiro grupo de frades que, em 4 de julho de 1884⁷, por determinação do padre Geral, inicia a ‘expansão’ da futura Província para o Convento de S. Bernardino, na Atouguia da Baleia (Peniche)⁸. Aqui e em Varatojo – desde este período até 1886 – frei Santa Maria e seu companheiro, frei João, continuam os estudos, recebendo formação interna, da parte de dois Leitores vindos de Roma, enviados com Obedienciais do Geral: o frade espanhol Ramon Lugin (abril de 1883, ainda em Varatojo)⁹ e o frade francês Gervais d’Alsace (em São Bernardino)¹⁰.

coragem desconhecida. Esqueci-me de quem era aquele com quem falava, e pareceu-me apenas que era um igual, ou, quando muito, um pai com quem os filhos se podem abrir à vontade. Assim, depois de responder aquelas perguntas triviais: estás bom, estás contente, gostas da vida que optaste, etc., etc., começo eu: P. Revm.^o, tenho uma coisa a pedir-lhe (eu falava-lhe em francês). E ele logo muito prontamente: parlez, mon enfant, parlez, dites, en toute confiance, tout ce que tu veux, je t’écouterai volontiers!!!... [...] E eu [...] começo: P. Revm.^o, tenho observado que aqui não há os estudos que eu penso serem necessários para se exercer o sacerdócio dignamente... Imediatamente, ele tomou uma atitude reveladora do maior interesse. [...] [P. Geral]. “E então, meu filho?”. “É que eu queria estudar, quando terminasse o noviciado, e, como aqui não vejo facilidade, pedia a V. P. Revm.^a, nos levasse para Roma!!! Ele transformou-se, como quem vê a realidade dum sonho querido, e, sorridente de satisfação, colocou a mão direita sobre a minha cabeça e exclama: “Mi piace, figlio mio, mi piace. Sì, irete studiare a Roma?”. [...] O P. Geral acabava de lançar à terra o grãozinho de mostarda que havia de tornar-se a árvore gigantesca e abençoada dos estudos da Província de Portugal. [...] Eu falei no plural, nós, quando lhe apresentei o pedido, não obstante não ter procuração do companheiro [frei António de S.ta Maria Correia], ao qual nada comuniquei, nem antes nem depois [...]. De facto, fomos».

⁶ Cf. *Profissões Simples: desde 1862 a 1901* (APPOF: documento 41), 8: «27^a Aos 3 de março do Ano de 1883 fez a sua profissão de votos simples o Irmão Fr. António de S.ta Maria, no século António Correia da Silva, depois de fielmente se porem em prática as prescrições dos nossos Estatutos Geraes, e procedendo as [às] mais formalidades [...]». Cf. Trindade, *Algumas Notas Biográficas*: o frei João da S.ma Trindade, companheiro de frei António no noviciado (apesar de ter entrado uns meses depois), refere o nome assumido por António.

⁷ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 28-29.

⁸ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 1-3. De acordo com esta fonte, o Convento de S. Bernardino de Atouguia da Baleia foi adquirido com o capital dos franciscanos, até então na posse dos padres Lazaristas, pois era nos colégios destes que estudavam os franciscanos, por não existir ao tempo qualquer colégio seráfico.

⁹ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 44.

¹⁰ Trindade, *Algumas Notas*, 48.

Neste convento, frei Santa Maria recebe as Ordens Menores, antes de ir estudar para Roma¹¹.

Entretanto, a 21 de abril de 1886 emite a Profissão Solene¹², às mãos do padre frei Domingos Sanches (então Provincial). É nesse mesmo ano que parte para Roma, juntamente com o seu companheiro, a fim de iniciarem os estudos no Colégio Pontifício da Propaganda Fide¹³. A chegada à cidade eterna dá-se a 3 de outubro de 1886¹⁴. Aí, são alojados no Convento-colégio Santo Isidoro (ainda não havia sido fundado o Antoniano), fundado por frei Lucas Wadingo, padre franciscano escocês. O seu Mestre de formação era frei Bernardo Doebny. Os estudos iniciaram-se no dia 4 de novembro, no Colégio da Propaganda Fide¹⁵.

Transcorridos os dois anos do curso de Filosofia (1886/1887 e 1887/88) e o primeiro de Teologia (1888-1889)¹⁶, frei António de Santa Maria e seu companheiro recebem o Subdiaconado, em São João de Latrão, das mãos do Cardeal Parochi, Vigário de Roma, na altura do Pentecostes. Nessa oca-

¹¹ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 65.

¹² Cf. *Matriculas-Indice*, 1 e 2.

¹³ A propósito destas informações, cf. “SANTA MARIA (Frei António de)”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XXVII (Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 211. Cf. também: *Franciscanos em Moçambique: Cem anos de missão, 1898-1998* (Braga: Editorial Franciscana, 1998), 339. Trindade, *Algumas Notas*, 41. 56-58. 61. Sobre o ato da Profissão Solene, cf. *Profissões Simples*, 8 e *Matricula-Indice*, 2. De facto, o padre Bartolomeu Ribeiro (*Crónica da Província*), 104 – diz que a Profissão Solene e a Ordenação de frei António foram em Roma, o que não seria possível, pois só a 3 de outubro chegam a Roma.

¹⁴ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 52 e 56-57. Segundo o testemunho de frei João da Santíssima Trindade, nas suas *Notas* supracitadas, ele e o frei Santa Maria terão chegado a Roma a 3 de setembro. Esta data pareceu-me, no entanto, uma errata, visto que, linhas atrás, diz que passaram por Assis a 25 de setembro. Por isso, substituí, no corpo do texto, por 3 de outubro. Na página 56 das suas *Notas*, afirma: «Em 25 de Setembro éramos chegados a Assis.» Mas logo depois, diz, página 57: «Concluída a minha peregrinação a Assis, tomamos o caminho de Roma, onde chegamos na manhã de 3 de Setembro, 1886».

¹⁵ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 61: «A 4 de Novembro, segundo as praxes romanas, abriram as aulas, e lá fomos nós [Freis João e António de S.ta Maria], com o ranchinho, às 8 horas da manhã, a caminho da Propaganda [Fide], na Piazza di Spagna. Era ali a sede da Congregação e o Seminário [...]. Mais tarde, passados dois anos, é que as aulas foram transferidas para outro edifício, na mesma Praça, propriedade da mesma Congregação. [...] Matriculámo-nos em Filosofia [...]».

¹⁶ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 65. «Ordenação – Quando fomos para Roma [os freis António de S.ta Maria e Fr. João S.ma Trindade] já íamos ordenados de Menores, conferidas pelo nosso Patriarca Neto. Terminado o 1.º ano de Teologia, em 1889, recebemos o Subdiaconado em S. João de Latrão, nas Têmporas de Pentecostes, conferidas pelo sobredito Cardeal Parochi, Vigário de Roma».

sião, recebem notificação do seu Provincial, padre frei Domingos Sanches, chamando-os a Portugal, onde são recebidos em clima de festa. Relata-nos este facto o frei João da Ss.ma Trindade:

«À noite, partimos [da Figueira da Foz] para Torres, onde chegámos pela manhã, e tomámos o caminho de Varatojo, sendo esperados na estação, por um donato, ou criado. Grande alvoroço e alegria por nos vermos de novo na nossa terra! [...] Necessariamente, a nossa aparição foi causa de comentários para todos os gostos! [...] Éramos os Senhores Doutores de Roma!!! E bastava isto. [...]. Como não éramos sacerdotes, o P. Domingos Sanches, talvez para nos honrar e mostrar em público – armou umas vésperas solenes, parece-me que da Assunção – e lá nos impingiu para o Altar. [...] Poucos dias depois, fomos para S. Bernardino começar as férias»¹⁷.

É então que, para surpresa dos próprios e dos demais, tendo-se entendido o Provincial e Dom Frei José Neto, Patriarca de Lisboa (também ele franciscano e filho da antiga Província de Portugal), são ordenados, primeiro Diáconos – 8 de setembro de 1889 –, e, na semana seguinte, Presbíteros – 15 de setembro. Tudo se realizou com a maior discrição, em capela privada (não na igreja do convento), visto não ter o Cardeal postulado o Beneplácito régio. As Missas Novas – essas sim – foram na igreja do Convento de São Bernardino; a do frei Santa Maria ocorreu no dia das Chagas de São Francisco, 17 de setembro¹⁸.

No mesmo mês de setembro, a Ordem Seráfica realizava o seu Capítulo Geral, donde sai eleito Ministro Geral o franciscano frei Luís de Parma, OFM, o qual destina, agora, os dois frades estudantes portugueses para o Colégio de Santo António – ainda não inaugurado para estudantes –, a fim de terminarem o estudo da Teologia na Propaganda Fide, onde obtêm a Licenciatura, ao fim do 3.º ano, 1892, ano em que regressam a Portugal¹⁹.

¹⁷ Trindade, *Algumas Notas*, 66.

¹⁸ Cf. *Algumas Notas*, 65-67. «Apareceu por ali o Patriarca [Cardeal Neto] também para descansar, como era o seu costume. Um belo dia, o P. Domingos [Provincial] combinou com ele e resolveu ordenar-nos. Dito e feito. Tomamos o Diaconado no dia 8 de Setembro, e a 15 o Presbiterado. P. António [de S.ta Maria] cantou missa logo a 17, as Chagas [de São Francisco de Assis], e eu aguardei o Domingo seguinte, 22, por causa de a família se poder juntar toda mais facilmente». Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 339.

¹⁹ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 68-71. Vejamos o que nos conta Frei João da Santíssima Trindade: «Continuamos em S. António o nosso curso de Teologia na Propaganda [...]. / Ao cabo do 3.º ano, era a licenciatura. Sive bene, sive male, lá ficamos com ela. Agora, era a Preparação para a Laurea, no fim do 4.º Ano. Aqui é que eram elas! Além do estudo do ano corrente, tinha de se começar, a valer,

Regresso a Portugal: 1892-1898

A chegada à Pátria dá-se a 11 de fevereiro, à cidade de Braga, pelas 21h, para onde haviam recebido ordens de se dirigirem. Nessa noite, frei António e seu companheiro passam a residir no convento de São Boaventura, em Montariol²⁰, como nos conta frei João:

«Postos a caminho, tomamos rumo a Pisa para entregar ao P. Agostinho de Montefeltro, uma porção de *lire*²¹ que lhe ofereciam os editores dos seus sermões em português [...]. Ao passarmos em Pau, visitamos a velha Duquesa do Cadaval. [...] Era o dia 11 de Fevereiro de 1892. Não o esquecerei nunca – Dia de Nossa Senhora de Lourdes, com quem tínhamos falado, havia dois dias. [...] Chegamos a Braga às 9 horas da noite. Ninguém nos esperava [na estação]; nós não conhecíamos da cidade senão o nome; àquelas horas e debaixo de chuva, e com as malitas, fomos obrigados a tomar um trém. Um luxo indispensável. Pelo caminho, parecia-me que Montariol ficava muito longe da cidade. Batemos ao portão do Areal, confiando [confiado] à guarda do saudoso e impagável Fr. Rodrigo de Carvalho [...] [“]Quem é? [”] Já nos esperavam, mas ignoravam o dia e a hora [...]»²².

O padre António de Santa Maria continua em Montariol até 2 de novembro de 1892²³, como nos deixa entrever o mesmo frei João: «o P. António, persona grata... foi chamado, passado pouco, para a ir ocupar o cargo de Guardiã de Varatojo»²⁴.

como o estudo de toda a Teologia, numa sabatina geral tremenda. Havia em primeiro lugar a parte escrita, ou Tese, que seria tirada à sorte, na ocasião do exame escrito [...]. [...] Eram em número de cento e tantas, perto de 150! Diante deste panorama é que muitos desmaiavam! Poucos se arriscavam. Foi o que sucedeu. Participou-se ao P. Geral, Luis de Parma, que concordou, e igualmente ao P. Domingos, que iam tomar o caminho de Portugal por motivo de doença». Interessante, pois o que viria a ser o colégio internacional e pontifício, o Ateneu *Antonianum*, começou efetivamente com quatro portugueses, os primeiros dos quais António de Santa Maria e João da Santíssima Trindade – Cf. Teófilo de Andrade, *Apontamentos autobiográficos e outros intercorrentes* (Montariol-Braga: Tip. Missões Franciscanas, 1954), 11.

²⁰ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 72.

²¹ Trata-se de ‘liras’, moeda italiana, então em vigor.

²² Trindade, *Algumas Notas*, 71-72.

²³ Cf. *Memorial do Guardiã de Varatojo Fr. António de Santa Maria: Capítulo Provincial da Província de Portugal* (APPOF, Armário I, 3: Documento 80), 1893. Aqui lemos: «Estado em que encontrei este Convento, quando me foi entregue a 2 de Novembro de 1892».

²⁴ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 73.

De facto, em setembro de 1893 e tendo já sido restaurada a Província dos franciscanos em Portugal, frei António participa, em substituição do padre Joaquim da Purificação (de Montariol) e na qualidade de Guardiã²⁵ de Varatojo, no primeiro Capítulo Provincial (depois de 1834) realizado neste Convento, convocado para o dia 10 de setembro, embora não fizesse parte dos vogais *a Jure* nomeados pela Cúria Geral franciscana, em Roma²⁶. Contudo, além de substituir o padre Joaquim – e como era Guardiã –, escreve um *Memorial* [manuscrito] sobre o convento de Varatojo, a fim de atestar ao Capítulo o estado daquela Fraternidade²⁷. O documento é assinado a 2 de setembro de 1893 pelo citado Guardiã e pelo síndico [ecónomo]. É neste Capítulo que, de resto, o padre António é eleito Definidor da sobredita Província²⁸. A 7 de outubro do mesmo ano²⁹, deixa o cargo de Guardiã, em Varatojo, regressando ao Convento de Montariol, a fim de aí se dedicar à docência das disciplinas de Filosofia Escolástica e Teologia Moral³⁰, no Colégio de São Boaventura.

²⁵ Cf. Rema, *Crónica da Província*, 135.

²⁶ Cf. Trindade, *Algumas Notas*. Cf. Rema, *Crónica da Província*, 16. Cf. ainda *Decretos e actas relativos a esta Seráfica Província de Portugal* (APPOF, Armário 2: Documento 22), *apud* Rema, *Crónica da Província*, 16.

²⁷ Pode ler-se no supracitado *Memorial*, 1893: «JHS/ Em nome do Senhor/ Amen/ Memorial da Guardiania de Fr. António de S. Maria, Guardiã deste Seminário de S. António de Varatojo, escripto pelo mesmo guardião d'acordo com os Padres Discretos, para a apresentar no Capítulo Provincial que se deverá celebrar neste mesmo convento de S. António de Varatojo a 10 d'Agosto de 1893, sendo presidido pelo M. R. P. Visitador Geral e Presidente do Capitulo Fr. Bernardino Orellana, [...]».

²⁸ A informação relativa à eleição para o Definitório Provincial de frei António S.ta Maria chega-nos através dos escritos do P. João da S.ma Trindade – também ele eleito, na mesma ocasião, definidor (Cf. *Trindade*, 77) e também *Livro das Patentes* (manuscrito) (Arch. A – 2), 18-19: «In nomine Domine. Amen. Hæc est tabula Capituli Provincialis et series immediatæ Congregationis Capitularis in hac alma et Observanti Provincia Portugallia celebratorum. [...] Devontum est ad electionem [...] celebratam die decima Septembris 1893. [...] V.V. P.P. Josephus a Corde Jesu, Antonio a S. Maria, Joannes a S.ma Trinitate et Joannes a Deo in Provincia definitores». O *Livro das Patentes* era o documento existente em cada comunidade franciscana, o qual continha a cópia manuscrita dos documentos oficiais da Província. Este a que me refiro em concreto encontra-se no Convento de Montariol e, por meio deste, pode-se verificar que Santa Maria exerceu, tanto na Visita Canónica como no Capítulo mesmo, a função de secretário (Cf. ainda Rema, *Crónica da Província*, Volume IIb, 18).

²⁹ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 339.

³⁰ Cf. Ribeiro, *Crónica da Província*, 104; e: Rema, *Crónica da Província*, volume II b, 27. Sobre os trabalhos do frei S.ta Maria como professor no Colégio de S. Boaventura, em Montariol (Braga), leiam-se também: *Boletim Mensal das Missões Franciscanas e da Ordem Terceira*, Ano XXI, n.n. 9 e 10, Setembro-Outubro de 1938, 429-431: «Formado naquelas disciplinas [cursos

Em agosto de 1895³¹ é eleito Guardião de Montariol. Aí, não deixando as aulas, colabora de perto nos trabalhos da *Voz de Santo António* (o primeiro número é de janeiro de 1895), como testemunha frei João da S.ma Trindade: «O corpo redactorial [da *Voz*] [...] está-se a ver quem o compunha: eu [...]. [E] O P. António de S.ta Maria quis cooperar, e daí a pouco havia já alguns dedicados à causa, da gente nova [os alunos]»³². Em 1895, o padre António de Santa Maria, além da colaboração ativa na *Voz*, torna-se o primeiro diretor da Pia União de Santo António, instituição que servia à distribuição do Pão para os pobres de Santo António³³. Nesta fase, entre 1896-1897, desempenhou o ofício de Visitador Apostólico das Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas (atualmente, Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição), por nomeação da Santa Sé³⁴.

Atividade entre 1892 e 1898

As habilitações do frei António, aliadas às suas qualidades humanas, foram uma mais valia, em muitas situações, a maior parte delas já referidas: a fundação das missões franciscanas em Moçambique; o cargo de Definidor Geral em Roma; a direção dos trabalhos da reedição dos livros litúrgicos

superiores de filosofia e teologia], voltou a Portugal, onde – sucessiva ou cumulativamente – foi professor, Mestre de disciplina dos jovens ordinandos».

Missões Franciscanas Portuguesas no seu Cinquentenário 1898-1948, «Missões Franciscanas», n. 62, Junho-Setembro, 1948, 19. *Franciscanos em Moçambique*, 339.

³¹ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 81 (refere-se ao ano de 1894, e não, 1895) e *Franciscanos em Moçambique*, 339 (aqui, a referência é a 1895). Cf. *Livro das Patentes*, 26.

³² Trindade, *Algumas Notas*, 83.

³³ Cf. Trindade, *Algumas Notas*, 92: «Deu-se uma limpeza geral ao altar [de S.to António] que no dia da festa se encontrava lindamente ornado [...]. [...] No altar e no coro, todo o pessoal era de Montariol. O P. António de S.ta Maria [...] prestou-se a cantar a missa». De registar é o artigo assinado pelo mesmo padre António, em dezembro de 1909, na qualidade de «Fundador e antigo director da ‘Voz de Santo António’»: *Voz de Santo Antonio*, 15.º Ano, n.º 12, 8.ª Serie, dezembro 1909, [453-612 e I-XII], 432-546. A *Voz de Santo Antonio* menciona também sobre o trabalho de S.ta Maria relativo a esta revista: «Vindo da África Oriental Portuguesa (Beira), chegou a Roma em meados de fevereiro o Rev.º P. Antonio de Santa Maria, um dos fundadores da ‘Voz de Santo António’, primeiro Director da Pia União». Sobre a Pia União, cf. António Ventura, “A contestação ao Centenário Antoniano de 1895”, *Lusitania Sacra*, 2.ª Serie, 8/9 (1996-1997), 366.

³⁴ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 339; *Boletim Mensal*, Ano XXXI, 9 e 10, setembro-outubro, 1938, [385-432], 430. Cf. Rema, *Crónica da Província*, cf. Henrique Pinto Rema, *Crónica do Centenário da CONFHIC*, II (Braga: Editorial Franciscana, 1979), 149 e 218.

bracarenses. Estes são alguns dos traços conhecidos até agora acerca da sua vida e obra.

Ao longo da investigação que fui fazendo, apercebi-me também de alguns dados interessantes, relativamente à atuação sócio-política deste franciscano. Como é óbvio, a sua prioridade prendia-se com a sua comunidade: professor de Filosofia, no colégio de Montariol, onde, a par deste serviço, chegou a desempenhar a responsabilidade de Mestre de estudantes (1892-1893)³⁵ e participou, colaborando ativamente, na redação da revista *Voz de Santo António*. Para além destas tarefas, conseguiu o frei António ainda arranjar tempo para se dedicar a outro tipo de atividades: entre 1892-1895, a convite do redator, Manuel Frutuoso da Fonseca, participa regularmente no diário católico do Porto *A Palavra*³⁶, publicação ligada ao movimento social católico³⁷.

No ano em que viveu no convento de Varatojo, em 1892-1893, é possível que, devido à sua formação académica, tenha colaborado com o colégio seráfico existente em São Bernardino.

Ora, referente ao ano de 1892, chegou-me às mãos a chamada *Revista Seraphica*, documento totalmente manuscrito. Trata-se da revista dos alunos do Colégio Seráfico de São Bernardino, onde funcionava, neste período o estudo da Filosofia. Este número, em específico, tem a particularidade de ser

³⁵ Cf. Ribeiro, *Crónica da Província*, 104 e 106. Ver também: Bartolomeu Ribeiro, *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular* (Leixões: Pro-manuscrito, 1946), 109. Nesta última referência, o franciscano padre Bartolomeu Ribeiro diz: «A organização dos estudos – de filosofia e de teologia – deve-se aos cuidados e grande dedicação dos 3 Leitores Gerais P. Frei João da Trindade e Sousa, P. Frei António de Santa Maria, doutorados em Roma e P. Frei Francisco da Sagrada Família, leitor geral». Veja-se o *Livro das Patentes*, 21: «Pro Conventu S. Bonaventura de Bracara [...] Magister Clericorum [...] Lector Philosophiæ» - ora o Leitor de Filosofia existente na Província dos franciscanos em Portugal, era, à época, o frei António de Santa Maria.

³⁶ Cf. Bartolomeu Ribeiro, *Crónica*, 107. Para ter uma informação mais completa deste jornal, cf. Joaquim Azevedo José Ramos, “Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910,” *Lusitania Sacra*, 2.^a série, 3 (1991), 226. Aqui, Joaquim Ramos situa a fundação de *A Palavra* em 1872, acrescentando: «É o mais célebre jornal católico constitucional. Editado pela família de José Frutuoso da Fonseca e colaborado pelas personalidades mais relevantes do movimento católico». Ainda o mesmo historiador aponta para o estudo seguinte: João Francisco de Almeida Policarpo, *O pensamento social do grupo católico de «A Palavra» (1872-1913)*, (Coimbra: Universidade, 1977). Ainda sobre este diário católico: Cf. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal* (Lisboa: União Gráfica, 1958), 391. Cf. Manuel Clemente, “A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo à República,” in *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira de Azevedo, coord. Manuel Clemente e António Matos Ferreira, (Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002), 91 e 117.

³⁷ Cf. Manuel Braga da Cruz, “As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo,” *Análise Social*, XIV, 54 (1974), 270.

uma edição especial de homenagem a São João Batista e contém um artigo da autoria do padre Santa Maria, enriquecido por uma prévia apresentação à sua pessoa. O referido artigo é assinado em junho de 1892, a partir da localidade Atouguia da Baleia (Peniche), e dedicado «À benemérita empresa da “Revista Seraphica”»³⁸.

Responsável das Missões em Moçambique: 1898-1902

Em 1898, não tendo terminado ainda o período regulamentar (três anos) do cargo de Guardião na Fraternidade de Montariol, frei António, tendo mostrado interesse³⁹, parte para as Missões de Moçambique, na cidade da Beira, como superior da mesma expedição⁴⁰.

A «Chronica Universal» da *Voz* relata-nos o evento: «Partida de missionarios – Lemos nos jornaes de Lisboa e Porto, e cremos que não erram, que vão partir brevemente alguns padres franciscanos, e alguns religiosos leigos, e irmãos, para a nossa Africa Oriental»⁴¹.

³⁸ “Revista Seraphica” (manuscrito). O artigo completo: «Constou cá pelos sítios que essa benemerita Empresa tenciona dedicar um número especial ao P.e Leitor, Fr. João da Trindade; por isso não me poudes [sic] conter que não pegasse da pena para participar a “illustre sociedade dos socios” que tomou realmente um () dignissimo dos maiores encomios. As eruditas penas? [sic] d’essa Revista cada vez vão ganhando novas forças em todo o sentido; decerto por terem postos os olhos nos portentosos trabalhos que em todo o Orbe Seraphico vai de dia para dia operando a imprensa franciscana. / Coragem pois! E praza a Deus que em breve não seja só um ou outro o leitor dessa “Revista”, senão que muitos vejam nella mais um Coripheu da verdade no campo da imprensa / Muitas vezes o que para os suyopes (??) é um accaso, é para os que têm boa vista somente que mais cedo ou mais tarde produz copiosos frutos. / Estou certo que o douto Padre, a quem essa impreza dedica o número, que ora sai a lume, participa dos mesmos rendimentos que seu animam: sentimentos que animaram: *Rentincentos* que sem duvida mais se hão-de remover».

³⁹ Cf. Rema, *Crónica da Província*, Volume II b, 57: «Dirigindo-se à Província a pedir voluntários, responderam de imediato P. Fr. António de Santa Maria (nº 52), P. Fr. Rafael Maria da Assunção (nº 80), P. Fr. José da Assunção (Rolim) (nº 81), Fr. Daniel de Almeida (nº 97), Fr. Serafim Felisberto (nº 105) e Fr. Salvador Franqueira (nº 120)».

⁴⁰ Cf. *Voz* 4.º Ano, n.º 17, 2.ª Serie, Maio 1898, 541 e 544.

⁴¹ O artigo encontra-se em *Voz de Santo António*, 4.º Ano, n.º 16, 2.ª Série, Abril 1898, 507. E continua: «Irão fundar uma missão religiosa n’um dos pontos de futuro muito prospero, aonde já os missionarios protestantes se estabeleceram. Os membros da missão devem ser todos portugueses. E’ o amor sagrado da religião e da patria, que os leva a abandonar a terra natal para irem educar os pobres pretos no amor de Deus e de Portugal. O amor da patria digo, que se ele não fôra, já alguns desses que ora vão partir para as nossas possessões, teriam ido trabalhar n’alguma d’essas tantas missões, que a Providencia confiou aos filhos de S. Francisco».

Outros artigos da *Voz* noticiam aspetos diversos, tais como: a despedida dos missionários no Santuário do Sameiro (Braga)⁴²; os respetivos nomes⁴³; e fotografias do grupo de missionários⁴⁴. Na mesma *Voz de Santo António*, encontramos quatro cartas redigidas por frei António, pondo ao corrente os seus leitores do desenvolvimento do empreendimento missionário⁴⁵.

Ação missionária do frei Santa Maria

Frei Santa Maria parte para Moçambique, juntamente com cinco outros confrades (eram, ao todo, três sacerdotes e três irmãos leigos)⁴⁶, a 3 de junho de 1898, embarcando em Lisboa no paquete da *Deutsche Ost Africa Linie*.

O empreendimento missionário destes frades franciscanos na localidade da Beira resultou bastante árduo, desde os inícios. Foi assim para todos.

⁴² *Voz*, 4.º Ano, 544. Aqui lemos: «Noticiamos no numero passado que partia brevemente para a nossa Africa Oriental uma missão de religiosos da nossa Seraphica Ordem. Os missionários são os Reverendos Padres fr. Antonio de Santa Maria, superior da Missão, que ultimamente desempenhava o cargo de Guardião no convento de São Boaventura, em Braga, P.e Raphael Maria, P. fr. José d'Assumpção, fr. Seraphim Felisberto, fr. Salvador Franqueira, e fr. Daniel d'Almeida. A nova missão vae estabelecer-se na recente cidade da Beira [...]. Antes da sua partida, foram os missionarios, juntamente com a comunidade e alumnos do collegio Seraphico de Montariol, ao Sanctuario do Sameiro, onde se celebrou missa solemne, havendo no fim Ladainha e bênção do Santissimo».

⁴³ *Voz*, 4.º Ano, 541: «Grupo de missionarios franciscanos portugueses, que vão partir para a Beira. – Como já sabem os nossos leitores, os filhos de S. Francisco vão em breve fundar uma nova missão nesta parte da nossa Africa Ocidental [Oriental; «Ocidental» deve ser errata]. A nossa gravura [da p. 529] representa cinco, dos seis que devem partir: 1.º, P.e Fr. Antonio de Santa Maria, (Superior) a quem a 'Voz de Santo Antonio' deve uma accuradissima collaboração, desde o seu primeiro numero; 2.º P.e Fr. Raphael Maria; 3.º P.e Fr. José d'Assumpção; 4.º e 5.º os dois religiosos leigos Fr. Seraphim Felisberto e Fr. Salvador Franqueira. A estes deve juntar-se outro leigo, Fr. Daniel de Almeida. A 'Voz de Santo Antonio' saúda os gloriosos obreiros da fé e da civilização, deseja-lhes uma prospera viagem, e faz votos pelo bom exito de sua tão difficil quanto gloriosa empreza».

⁴⁴ *Voz*, 4.º Ano, 529, com a seguinte legenda: «Grupo de Missionarios Franciscanos Portuguezes, que vão partir para a Beira (Africa Oriental)» (descrição na p. 541 da *Voz*, do mesmo ano e mesmo número); *Voz*, 4.º Ano, n.º 18, 2.ª Serie, junho 1898, [545-576], 569 – com a seguinte legenda: «Os missionários franciscanos da Beira abençoados pelo Snr. Nuncio de S. Santidade». *Voz*, 6.º Ano, n.º 15, 3.ª Serie, Março 1900, [449-480], 467.

⁴⁵ Cf. *Voz*, 4.º Ano, n.º 23, 2.ª Serie, novembro 1898, 734-736 (1.ª Carta); *Voz*, 4.º Ano, n.º 24, 2.ª Serie, dezembro 1898, 762-765 (2.ª Carta); *Voz*, 5.º Ano, n.º 1, 2.ª Serie, fevereiro 1899, 58-60 (3.ª Carta); *Voz*, 6.º Ano, n.º 24, 3.ª Serie, dezembro 1900, 758-764 (4.ª Carta).

⁴⁶ Os missionários eram, no conjunto: frei António de Santa Maria (superior), frei José Rolim, frei Raphael (futuro bispo e prelado de Moçambique) (sacerdotes); e frei Daniel Almeida, frei Salvador Franqueira e frei Seraphim Felisberto (leigos).

Mas a fibra do Superior, frei António, foi indispensável para que a Missão seguisse por diante⁴⁷.

Os missionários chegaram ao Porto de Moçambique no dia 6 de julho, tendo ficado hospedados no Paço do Prelado de Moçambique, D. Sebastião José Pereira. Coube, entretanto, ao padre António empenhar-se numa solução para oficializar a futura implantação da missão na Beira. Nesta altura, a 12 de julho – antes ainda de partirem para lá –, o Prelado de Moçambique nomeou-o Pároco e os outros dois sacerdotes como coadjutores, na Beira⁴⁸.

Pároco da Beira

No dia 17 do mesmo mês, tendo chegado à cidade da Beira, aí se instalam os frades em residência acabada de construir por ordem do Governador e recebem cargos “importantes”: «O Governador [...] nomeou-o a ele [padre António de Santa Maria] bibliotecário da Biblioteca Meireles de Canto, ao P. Rafael director da escola masculina Tito de Carvalho, e ao P. José Rolim capelão do hospital»⁴⁹.

Na paróquia, com efeito, as ações pastorais eram desenvolvidas mormente em território da cidade⁵⁰, embora, ao que parece, este se alargasse numa

⁴⁷ Cf. Fernando Félix Lopes, *Missões Franciscanas em Moçambique. 1898-1970* (Braga: Ed. Franciscana, 1972), 71-98. *Vide também Franciscanos em Moçambique*, 339.

⁴⁸ Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 73.

⁴⁹ F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 76. Aqui F. Lopes cita a fonte de que se serviu para chegar à informação, publicada que fora no «*Boletim da Companhia de Moçambique*», publicação oficial periódica.

⁵⁰ Cf. *Voz*, 5.º Ano, n.º 1, 2.ª Serie, fevereiro 1899, [33-64], 58-60. O Padre António de Santa Maria dá conta, em carta datada de 30 de outubro de 1898 (três meses após o estabelecimento na Beira) do estado religioso daquela cidade, tal como do trabalho de evangelização empreendido: «A’ vista de tantas nacionalidades [«índigenas africanos, [...] «portuguezes, inglezes, francezes, hespanhoes, suissos, belgas, italianos, allemães, austriacos, gregos, hollandezes, americanos, egypticos, arabes, indios, chinezes e japonezes] bem poderemos dizer que a Beira é uma cidade internacional. [...]. Isto mesmo se poderia dizer da religião, se a sua *internacionalidade* [sic!] dependesse da variedade de princípios contrattictorios, ou podesse haver muitas religiões verdadeiras. Além dos catholicos, há protestantes, schismaticos, mahometanos, monhés, banianes, judeus e gentios de diversas confissões. Uma verdadeira babel esta Beira. Infelizmente há muitos catholicos indiferentes que não são carne nem peixe; outros há que, com seus maus exemplos, prégam, principalmente aos pretos, o contrario do que a religião christã preceitua; outros, filiados principalmente na maçonaria, combatem a nossa Santa Religião [...]. A estes inimigos de casa hão também de juntar-se inimigos de fóra, mormente protestantes e monhés [...]. E isto causa realmente pena, tanto mais que os pretos d’esta costa são doces e ainda não fallei a nenhum que se mostrasse refractario aos

imensa outra extensão, contudo, de difícil acesso⁵¹. Os recursos para a Missão eram escassos. Recebiam 500\$000 reis anualmente de côngrua, cada um; Fr. Serafim Felisberto (leigo), 60\$000 reis anuais pelo trabalho de sacristão; e, pelos trabalhos “públicos” a que acima aludi, 360\$000 reis. Para mais, como é óbvio, em terra de missão, não recebiam qualquer emolumento por parte dos fiéis. Apesar de tudo, a pastoral era intensa e estendia-se desde o trabalho em escolas e na prisão, até visitas e missa diárias no hospital, e ainda, a missa paroquial diária⁵².

Efetivamente, a presença franciscana na Beira surgiu como evento benfazejo para a cidade. Atesta, desta feição, o então Governador da Companhia de Moçambique, numa carta, na qual regista «a simpatia» conquistada pelos franciscanos, junto de «toda a população portuguesa e estrangeira»⁵³.

Um superior imprescindível

A missão dos Franciscanos em Moçambique estava a revelar-se francamente positiva, apesar das duras adversidades. A vinda destes para a Beira significou uma evolução para a população. Notável foi, neste campo, a contribuição do frei António de Santa Maria, o qual, desde a primeira hora, não mediu esforços para lançar o empreendimento como autêntica missão.

salutares ensinamentos da religião catholica [...]. Todos querem receber o santo baptismo; e, se não fôsse a difficuldade da preparação, não sei se teriamos ainda algum gentio na Beira».

⁵¹ Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 77. Aqui, Lopes pormenoriza: «a paróquia estendia-se pelo vasto território do antigo reino de Quiteve que, por ser da influência da velha fortaleza de Sofala, caía na jurisdição do seu pároco, território em parte de limites vagos e indecisos, sobretudo desde que os vátuas, em sua invasão, tinham empurrado e misturado as populações [...]. Isto em teoria, porque na prática, afora uma estreita faixa costeira abordável pela pequena navegação de cabotagem, com as terras marginais dos rios e do caminho de ferro [sic!] [...], o mais do território era inacessível, em parte encharcado e noutra parte por inçado de matagal e floresta brava sem caminhos que não fossem os carreiros indígenas de pé posto, domínio tudo aquilo ainda então dos vátuas para suas extorsões e tropelias».

⁵² Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 80-81.

⁵³ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 67. Aqui, a carta está citada: «Já em 1898, uma carta do Governador da Companhia ressaltava essas mudanças [trazidas pelo dinamismo dos novos missionários]: ‘No pouco tempo que tem decorrido desde a sua chegada, os padres franciscanos têm conquistado, pelo seu zelo esclarecido, o respeito e a simpatia de toda a população portuguesa e estrangeira. A sua influência sobre a classe operária é já notável e salutar’». Esta mesma carta está referida em A. Mota, “Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira”, in *Missões Franciscanas Portuguesas no seu cinquentenário: 1898-1948*, n. 62 (julho-setembro: 1948) [162-168], 162.

No princípio, quando não havia quase nada na Missão e estavam, simplesmente, a começar, os frades precisavam de uma aprovação política. O empreendimento tinha o apoio do Prelado de Moçambique, Dom Sebastião Pedreira, mas este não era suficiente.

Desde logo, frei António assume uma posição estratégica: sempre que redige uma carta ou um documento, assina-os na qualidade de “superior”, pretendendo, assim, afirmar o estatuto missionário do grupo. São e querem ser reconhecidos como missão, e não simplesmente por paróquia⁵⁴. Não foi por acaso, aliás, que, de acordo com o Prelado, o entusiasmado franciscano delineou energicamente as «linhas gerais»⁵⁵ da futura missão, sobre as quais ele e seus companheiros se apoiavam e se orientavam. Tais diretrizes, enfim, foram sendo postas em prática, muito por causa do espírito arguto de Santa Maria, o qual, imediatamente demonstrara as suas capacidades. Inicialmente, vai preparando um «projeto de construção»⁵⁶, constando de uma igreja e seus anexos (a catedral, cuja primeira pedra se benze em 1900)⁵⁷, «externato e internato para rapazes, escola de artes e ofícios, e externato para raparigas, além de uma escola agrícola, com granja, fora da cidade»⁵⁸. Em 1900, também, funda a primeira estação missionária no interior, na localidade do Motundo⁵⁹

⁵⁴ Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 77. No presente, Félix Lopes dá conta dos registos dos «ofícios [de 1898 em diante] enviados ao Intendente do Governo na Beira», do Arquivo Histórico de Moçambique.

⁵⁵ Os contornos destas primeiras orientações podem-se perceber por alguns documentos, entre os quais Cf. os seguintes: *Voz*, 6.º Ano, n.º 24, 3.ª Serie, dezembro 1900, 758-764.

Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 85. Daqui consta que o Prelado, em 1900, vai ao terreno com o padre Santa Maria: «O Prelado [...] no dia 25 de Janeiro de 1900 [...] benzeu e lançou a primeira pedra [da nova igreja] no chão onde em Dezembro de 1898 celebrara a missa campal. Ao fim, com o P. António de S. Maria, deu mais uns retoques no projeto de montagem da Missão da Beira, subiu a Macequece [hoje Manica/Jécula] a visitar os sítios de interesse para a outra fundação; andou pelo Motundo a orientar o modelo de uma estação missionária, e depois pela Beira se quedou até fins de Março a tentar pôr tudo em movimento, oficiando às diversas entidades [...] e expondo e pedindo o que lhe pareceu necessário». Acerca das «linhas gerais» e sobre a expansão da missão para o Motundo, ver, adiante, no mesmo texto, a nota 54.

⁵⁶ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 339.

⁵⁷ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 67.

⁵⁸ *Franciscanos em Moçambique*, 340.

⁵⁹ É nota significativa esta, presente na *Voz*, 5.º Ano, n.º 1, 2.ª Serie, fevereiro 1899, 58-60, correspondente ao terceiro escrito do Padre António publicado nesta revista. Neste número, é possível entrever a preocupação do superior da missão relativamente ao vasto território da Beira e à necessidade de fundar, no interior, uma “dependência”. De facto, sendo a carta datada de outubro de 1898, só pode pertencer às “linhas gerais” planificadas desde o começo, às quais já nos referimos no corpo do texto: «A esta dificuldade accresce uma outra, particular da Beira. A maior parte dos pretos ou são *muleques*

(inaugurada a 4 de outubro, dia de São Francisco) e, desde esse ano até 1902, uma associação de operários⁶⁰ denominada «Associação Operária Católica»⁶¹.

As dificuldades⁶², é certo, impediram o avanço dos projetos e dos primeiros sonhos de Frei António e de seus confrades. O mesmo franciscano Santa Maria, em carta publicada pela *Voz de Santo António* no ano de 1900, no-lo revela:

[sic!], creados, ou são jornaleiros da Companhia de Moçambique. Em qualquer dos casos, a sua permanência na Beira é temporária. Vêem aqui, com o fim quasi exclusivo de arranjar um pecúlio com que possam comprar, de volta ao matto, a futura companheira dos seus dias. Ora, custando-lhes a mulher dez libras, e ganhando eles por mez uma libra, pouco mais ou menos, em breve têm o necessario. E, logo que têm este pecúlio, voltam para suas terras. [...] Ora, sendo tão precaria a sua permanência aqui na Beira, e, de mais a mais, sendo de um caracter volúvel como eles são, não só se torna difficil a sua evangelisação, mas até em certo momento perniciososa, porque voltam para o sertão, e, não tendo quem os proteja na fé, cahem por força em pessimos costumes, contrarios á [sic!] religião christã. Para dar remédio a estes males, só estabelecendo estações missionarias a partir da Beira para o interior. E' o unico remedio, a fallar a verdade [...]. Podiamos tambem estabelecer estações [sic!] missionarias, onde fôssemos de mez a mez, por exemplo, instruir os catechumenos, administrar os baptismos e os [demais] sacramentos, animando e fortalecendo na fé e bons costumes os novos christãos.; para alguns é isto praticavel, mas, para os que habitam muito no interior, sendo nós [os missionários] tão poucos, torna-se bastante difficil, senão moralmente impossivel».

Igualmente importante, a carta assinada a 1 de setembro de 1900 pelo frei António de S.ta Maria, redigida já nessa recém-inaugurada estação missionária.

Cf. *Voz*, 6.º Ano, n.º 24, 3.ª Serie, dezembro 1900, [737-769], 758-764 [4.ª Carta]: «Beira, - *Motundo* [sic!] Estação Missionaria de S. Francisco, 1 de setembro de 1900. *M. R. Padre* [sic] [...]. Esta carta, como vê, vai escripta do Motundo, da nossa primeira estação missionária, que denomino [o P. António dá, portanto, o nome] de S. Francisco, por ser consagrada ao Nosso Santo Padre [Pai]. Está situada a nossa estaçõsinha missionaria a cinco kilometros a E da Beira, e encontra-se dentro do mesmo grau de latitude e longitude que esta cidade [...]. A estação [...] pôde exercer a sua benéfica influencia sobre doze povoações que poderei dividir em quatro grupos [...]. Não sei ao certo o número de habitantes que há em todas ellas, mas posso seguramente dar a cada palhota uma média de cinco pretos, entre homens, mulheres e creanças, e, por isso, estas povoações hão-de ter pela certa os seus 800 a 900 habitantes». Mais à frente, no mesmo texto, dá a perceber como se ia dando cumprimento às “linhas gerais” de Fr. S.ta Maria: «Não havia muito tempo que o logar onde se erguia agora a estação missionaria era mato fechado, e vinha-me á [sic!] lembrança a pessoa do nosso saudosissimo Prelado, o ex.º snr. D. Sebastião José Pereira, que tivera a condescendência de vir comigo ao Motundo, e, no logar de antemão escolhido, andamos com a fita metrica demarcando o local da capella.»

⁶⁰ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 67.

⁶¹ *Franciscanos em Moçambique*, 340. Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 81: «A promover a assistência e cristianização dos operários, relativamente numerosos, com os quais se familiarizou de entrada o Fr. Salvador Franqueira [...], o P. António de S. Maria fundou a Associação Operária Católica, que em Outubro desse ano de 1898 já alistava 43 sócios e foi festivamente inaugurada a 27 de Novembro com a presença do Prelado então de visita pastoral na Beira, o qual lhe aprovou os estatutos».

⁶² Em janeiro de 1901, o padre Santa Maria descreve, por carta endereçada à Prelazia de Moçambique, as preocupações e dificuldades concernentes à Missão. Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 89.

«Se dissermos que a missão da Beira, para dar este passo a valer [criação da primeira estação missionária no Motundo] em pro[l] [sic] da evangelização do indígena, teve ella que vencer mil difficuldades, não diria eu mais que a verdade; não deve porem causar maravilha que tenham surgido obstaculos e difficuldades, visto ser da economia divina que as obras de Deus as experimentem sempre. Felizmente, Nossos Senhor veio em nosso auxilio e tudo fez pelo melhor, tendo-nos coadjuvado bastante n'este nosso empenho o actual Governador da Companhia de Moçambique, o ex.mo snr. Conselheiro Meyrelles, que nos cedeu o zinco e tintas necessarias para as construções, que levaram o melhor de mês e meio ao nosso Irmão Fr. Salvador, com o auxilio principalmente de José Maria, um dos bons portuguezes aqui residentes, nosso irmão terceiro e natural ahi de Braga»⁶³.

A situação, para o padre António, foi-se agravando:

«Em Maio de 1901 [...], não passados três anos da chegada à Beira, viu-se praticamente sozinho com dois irmãos leigos. Devido à impiedade do clima, a 25 desse mês, o P. Rafael retirara a cuidar da saúde em Portugal; em 12 de Agosto, falecera o Frei Serafim Felisberto; e o P. Rolim já tinha regressado definitivamente em 18 de Março de 1899»⁶⁴.

A garra do Padre Santa Maria foi absolutamente indispensável. Sem a sua coragem e a sua grande determinação, o empreendimento, por certo, desabaria. Nesse sentido, não é desmerecido o elogio que Agostinho Mota tece ao primeiro superior da missão franciscana da Beira:

«[Os] primeiros sucessos [da missão] devem-se principalmente à criteriosa orientação do P. António de Santa Maria, missionário zeloso e ilustrado e espírito empreendedor, que até 1902 ocupou o lugar de superior da missão. A sua excepcional competência e bons serviços valeram-lhe, com grande perda para a missão da Beira, ser chamado a Roma para desempenhar o cargo de definidor geral da Ordem Franciscana»⁶⁵.

⁶³ *Voz*, 6.º Ano, n.º 24, 3.ª Serie, dezembro 1900, [737-769], 758-764.

⁶⁴ *Franciscanos em Moçambique*, 340. Cf. também: F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas*, 84: «Em Março desse ano [1899] o P. José Rolim teve de reembarcar de regresso a Portugal».

⁶⁵ A. Mota, “Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira”, *Missões Franciscanas Portuguesas no seu cinquentenário 1898-1948*, n.º 62 (1948), 162.

Com efeito, é frei António que, em 1901, juntamente com outros dois seus confrades leigos, ‘segura’ a Missão franciscana na Beira durante os meses de maio a dezembro. Em agosto, é nomeado Definidor Geral da sua Ordem, tendo de partir para Roma. Como tal, é exonerado do ofício de Pároco da Beira a 28 de dezembro de 1901. Antes de seguir viagem – o que virá a acontecer apenas em janeiro de 1902 – recebe o frei Rafael Maria da Assunção, regressado de Portugal, a fim de o substituir.

Em Roma: Definidor Geral (1902-1907)

Eleito para o cargo de Definidor Geral da Ordem dos Frades Menores, frei António foi destacado como representante das Províncias de Portugal e Espanha. Significa, pois, na prática, que integrou, durante o período compreendido de 1902 a 1906, a equipa do governo da Ordem Franciscana. Tal escolha só poderia advir da consideração de suas qualidades, por um lado, de chefia ou liderança – denotadas ao serviço das Missões em Moçambique – e, também, por outro lado, tendo em conta o seu historial de vida: estudante franciscano em Roma (1886-1892); Superior em conventos de importância: Varatojo (1892-1893) (onde decorrera, em 1891, a Restauração da Província Portuguesa Franciscana) e Montariol (Braga) (1895-1898), até partir para as Missões e, em Braga, ‘Leitor’ de Filosofia⁶⁶.

A *Voz de Santo António* noticia o facto:

«Vindo da Africa Oriental Portuguesa (Beira), chegou a Roma em meados de fevereiro o **Rev.º P. Antonio de Santa Maria**⁶⁷, um dos fundadores da ‘Voz de Santo António’, primeiro Director da Pia União. Estabeleceu a sua residencia na Via Merulana, 124. Roma. Italia. Damos esta noticia aos nossos leitores por que sabemos ser-lhe[s] isto agradável pelo conhecimento que tinha[m] do nosso antigo e muito estimado collaborador»⁶⁸.

Ao ler o documento que acabo de citar, notei um outro indício: «Via Merulana, 124». Sendo assim, o padre António de Santa Maria, ao exercer o ofício de Definidor Geral, fixa morada no colégio internacional de Santo

⁶⁶ Cf. *Boletim Mensal*, Ano XXXI, n. 9 e 10, Set.-Out. 1938, 431-432.

⁶⁷ O destacamento do texto em negrito é feito pela *Voz*.

⁶⁸ *Voz*, 8.º Ano, n.º 2, 4.ª Serie, fevereiro de 1902, 446.

António ou *Antonianum*. Por essa altura, foi Presidente (ou ‘Reitor’) do Colégio Antoniano⁶⁹. Na verdade, aí residiu desde 1902 até 1907. Mas, quando, em 1916, regressa a Roma por causa das edições do Missal e Breviário de Braga – até à sua morte – é na Via Merulana que se fixa⁷⁰.

De regresso a Portugal (1907-1915)

Como notei acima, frei António de Santa Maria permanece em Moçambique, como Superior da Missão e Pároco⁷¹ da Beira até janeiro de 1902, ano em que parte para Roma, ao ter sido nomeado Definidor Geral da Ordem (em agosto de 1901)⁷², em representação dos franciscanos de Portugal e Espanha – mesmo ano em que, por virtude dessa nomeação, é exonerado do cargo de Pároco da Beira (28 de dezembro)⁷³. E, prestando serviço à Ordem, permanece em Roma até 1907 (mandato de seis anos).

Em setembro de 1909, na qualidade de ex-definidor geral, Padre António toma parte no Capítulo Provincial dos Franciscanos, em que é nomeado Prefeito de Estudos⁷⁴ e membro do Discretório [governo da casa] de Montariol⁷⁵. Irá integrar, em setembro do ano seguinte, a Congregação intermédia de 1910⁷⁶. No mesmo ano, os republicanos tomam conta do convento de Montariol, tendo Santa Maria e os demais confrades de unir-se, em meio aos tempos difíceis

⁶⁹ Cf. Teófilo de Andrade, *Apontamentos autobiográficos*, 11. O autor da obra a que ora faço referência, ao publicar o pro-manuscrito, refere a importância de Santa Maria junto ao padre Geral dos Franciscanos, em Roma, no processo para os estudos de mais franciscanos portugueses nessa Cidade, no Colégio Internacional de Santo António, pois era «então Definidor Geral, que tinha sido também Presidente do Colégio Internacional de Santo António».

⁷⁰ Cf. Rema, *Crónica da Província*, vol. III, 194. Na tradução portuguesa (Viseu, 1904) do *Curso de Economia Social* de Ch. Antoine, prefaciada pelo padre António de Santa Maria, faz-se a referência geográfica da então residência do franciscano: «Roma, Collegio Internacional de Santo Antonio, 9 de junho de 1904».

⁷¹ Cf. *Franciscanos em Moçambique*, 66 e 339.

F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas em Moçambique: 1898-1970*, Braga, 1972, 73-74.

⁷² *Franciscanos em Moçambique*, 340.

⁷³ Cf. F. Félix Lopes, *Missões Franciscanas em Moçambique: 1898-1970*, Braga, 1972, 109-110; 613.

⁷⁴ Cf. Ribeiro, *Crónica*, 104. Cf. Rema, *Crónica da Província*, volume III, 124 e 198. Cf. *Livro das Patentes*, 48. Esta última referência é a cópia da carta de convocação ao Capítulo Provincial, por frei Inácio Jordá (espanhol), Visitador Geral.

⁷⁵ Cf. Rema, *Crónica da Província*, Volume II b, 186.

⁷⁶ Cf. Rema, *Crónica da Província*, 131.

de tal perseguição, noutra lugar. Neste tempo, vai-se dedicando, entre Braga e Guimarães, ao exercício pastoral do seu ministério⁷⁷.

Proposto ao Episcopado

Efetivamente, eram bastantes as competências de frei Santa Maria. Pelos dados já apresentados, parece-me ter sido um homem bastante perspicaz, arguto e, ao mesmo tempo, audaz, destemido. O seu carácter forte e a sua firmeza de ânimo, no meio das dificuldades que suportou em terras de missão, foram determinantes para o sucesso das Missões Franciscanas em Moçambique. Se não fosse ele, tudo teria sido bem diferente.

Assim sendo, não me surpreendeu a descoberta da seguinte correspondência, assinada pelo Ministro da Legação de Portugal junto da Santa Sé, Doutor J. Pedro Martins, a 30 de junho de 1920:

«Exmo. Snr. Ministro dos Negócios Estrangeiros
Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que recebi a informação de que o arcebispo de Goa e Patriarcha das Indias indicou à Santa Sé como habeis para prelado de Moçambique os reverendos pe. Antonio de Santa Maria e outro, creio, Rafael da Conceição⁷⁸. Não conheço este [...] a não ser que é missionário franciscano. Porem, conheço bem o primeiro [António de Santa Maria], com quem algum tempo apos a minha chegada a Roma, travei relações, que hei mantido sem interrupções. E' creatura intelligente, sensata, conciliadora, affavel e activa. Não tem espirito estreito e sectario; e sempre o tenho encontrado dedicado a Portugal e com sympathia, que não occulta, pela Republica. Aqui, em Roma, onde està ha alguns annos, jamais collaborou em propaganda hostile ao regimen republicano; pelo contrario [...]. Se a qualidade de franciscano não fôr para o Governo impedimento, convenço-me, pelo juizo que elle me merece, de que a nomeação do dito Pe. Antonio de Santa Maria seria assàs util a Moçambique e ao regimen republicano»⁷⁹.

⁷⁷ Cf. Ribeiro, *Crónica*, 104.

⁷⁸ Na verdade, é a Rafael Maria da Assunção (franciscano e, efetivamente, futuro prelado de Moçambique) que se quer referir o remetente.

⁷⁹ Arquivo da Embaixada junto da Santa Sé, Caixa 66 – Doc. 83.

O escrito que acabo de citar faz sentido, se for considerada a realidade por que passava então a Prelazia de Moçambique: sem Bispo residente desde 1916, era já tempo de se providenciar um Pastor para aquela porção da Igreja, administrada por Governadores, Cônegos ou Sacerdotes⁸⁰.

A carta, do ano de 1920 – dois anos após a publicação da Bula *Sedis Hujus Apostollicæ*, de aprovação ao Rito e ao Breviário Bracarenses, e 4 anos antes da Bula *Inter Multiplices*, referente ao Missal Bracarense –, a carta, numa espécie de recomendação à nomeação episcopal, deixa em aberto o seguinte desfecho, hoje conhecido: o escolhido para Prelado de Moçambique chega a ser, enfim, Rafael Maria da Assunção. As razões por que Santa Maria não é escolhido não se chegam a saber ao certo, até porque estes assuntos são tratados em sigilo. Teria sido o próprio a negar-se? Haveria objeções? São questões que, para o presente estudo, no meu entender, se podem passar à frente. O que interessa, então, é dar notícia do facto. E, fazendo-o, dá-se conta, também, da valia do frei Santa Maria.

De novo em Roma: ao serviço da diocese e do Rito Bracarense (1916-†1938)

A 8 de dezembro de 1915 – segundo testemunham diversas fontes⁸¹ –, frei António recebe uma carta da parte do Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira

⁸⁰ Cf. Lopes, *Missões Franciscanas*, 175, 253, 271. Em 1916, o frei António já residia em Roma.

⁸¹ Cf. Ferreira, J. Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (séc. II – séc. XX)*, Tomo IV, (Braga: Ed. Mitra Bracarense, 1934) 437 (nota 1). *Vide*: 340; E também: Ribeiro, *Crónica*, 104: «Com a entrada do novo Prelado na sé arquiépiscopal de Braga, D. Manuel Vieira de Matos – 14/3/1915 – o clero bracarense [...] propôs ao novo Arcebispo a restauração do rito bracarense, e lembrou-lhe o nome de fr. António de Santa Maria, por ser conhecedor das secretarias pontifícias. Fr. António rejubilou com a proposta do clero e aceitou a incumbência de tratar em Roma da reforma do breviário e do rito antigo de Braga, que lhe foi confiada pelo novo arcebispo no fim daquele ano. Nos princípios de Janeiro de 1916 já estava em Roma. O desempenho desta incumbência demorou três [sic!] anos cheios. As secretarias das congregações pontifícias são movidas pela prudência».

Lê-se no «*Boletim Mensal*», Ano XXXI, n.n. 9 e 10, Set.-Out. 1938, 431: «Quando a figura de Prelado, que foi D. Manuel Vieira de Matos, empreendeu a árdua tarefa da restauração do Rito bracarense, recorreu à colaboração do P. António [de S.ta Maria] que, pela sua prática da vida romana e larga experiência das secretarias e meios vaticanistas, estava, como poucos, em condições de prestar bons serviços». O presente artigo constitui nota de necrologia.

de Matos, na qual Sua Excelência Reverendíssima pede que dirija e verifique os trabalhos da impressão do Breviário e Missal Bracarenses⁸².

Chegando a Roma em janeiro do ano seguinte, frei António põe, de imediato, mãos ao trabalho, cuja duração será de três anos (1916-1919)⁸³. Tendo, brilhantemente, conquistado simpatia entre os ambientes romanos, reconhecido como «um diplomata de têmpera»⁸⁴, é nomeado pelo Cardeal Vigário confessor de religiosas, de diferentes congregações, não se negando ao trabalho até, praticamente, vir a falecer, o que sucede a 7 de agosto de 1938⁸⁵.

A notícia do falecimento do Padre António de Santa Maria consta na «*Acta Ordinis*»⁸⁶. Além de outros documentos a que tive acesso, tais como o «*Boletim Mensal*», e, igualmente, o número comemorativo do «*Missões Franciscanas*» (1948), a *Acta* atesta o facto de o franciscano ter falecido em Roma, confortado pela bênção do Ministro Geral da Ordem. Por este documento, sabe-se que frei António trabalhou arduamente para a *Expositio Vaticana Missionaria*.

Publicações da sua autoria ou em colaboração

Neste ponto, limito-me a elencar as publicações da autoria do frei António de Santa Maria e aquelas em que colaborou:

Entre 1892-1898:

- a) Artigo na *Revista Seraphica* dos alunos do colégio de São Bernardino, na Atouguia da Baleia (Peniche).
- b) Colaborou, a partir da fundação (1895), na redação da revista *Voz de Santo António*, juntamente com os alunos do colégio de Montariol e com o diretor e fundador da publicação, frei João da Santíssima Trindade.
- c) Entre 1892-1895, escreveu no jornal católico *A Palavra*, da cidade do Porto.

⁸² Da carta, não consegui achar vestígio, nem no Arquivo da Mitra Diocesana nem no Arquivo Secreto do referido Arcebispo, onde imaginei, existisse não só esta como outra correspondência relativa ao curso do andamento dos trabalhos da reforma dos livros litúrgicos.

⁸³ Cf. Ribeiro, *Crónica*, 104.

⁸⁴ “SANTA MARIA”, in *Grande Enciclopédia*, 211.

⁸⁵ Cf. *Boletim Mensal*, Ano XXXI, n.n. 9 e 10, Set.-Out. 1938, 432.

⁸⁶ Cf. «*Acta Ordinis Fratrum Minorum*», Ano LVII, Nov. 1938, Fasc XI, 318.

Entre 1904-1934

- d) O prefácio à edição portuguesa do *Curso de Economia Social*, em 2 volumes, de Ch. Antoine, jesuíta e catedrático na Universidade de Angers⁸⁷;
- e) Um artigo na *Voz de Santo António*, intitulado «O Programma de S. Francisco», de 1909⁸⁸.
- f) Dois artigos na revista de direito canónico *Apollinaris*, da Pontifícia Universidade Lateranense: “Conventio inter S. Sedem et Lusitaniae Rempublicam: notis historico-iuridicis illustrata” (1928)⁸⁹ e “De nova constitutione politica Reipublicae lusitanæ” (1934)⁹⁰. Ambos os textos foram publicados em latim.

Bibliografia

Geral

- AZEVEDO, Fr. David de, Fr. Manuel Marques Novo, Fr. José António Correia Pereira e Fr. Américo Montes Moreira. *Franciscanos em Moçambique: Cem anos de Missão 1898-1998*. Braga: Editorial Franciscana: 1998.
- CARVALHO, Joaquim Félix de. *Pontifical de luxo Brácaro-romano: Ms. 870 do Arquivo distrital de Braga (1485-1516)*. Lisboa: Pedra Angular, 2010.
- CHOUZAL, Bernardo. *D. Manuel Baptista da Cunha Arcebispo Primás: Oração fúnebre proferida nas exéquias celebradas na Basílica Primacial de Braga em 19 de maio e na Matriz de Viana em 16 de maio de 1913*. Braga: Cruz & Companhia, 1913.

⁸⁷ Ch. Antoine, *Curso de Economia Social*, (Viseu: 1904-1905), traduzido por Miguel Ferreira de Almeida. Ver algo mais a partir do seguinte estudo: Josué Pinharanda Gomes, *A tradução portuguesa do “Curso de Filosofia” do Cardeal Mercier (Viseu, 1904)* (1983).

⁸⁸ P. A. de S. M. Correia, «O Programma de S. Francisco», *Voz de Santo António*, 15.º Ano, 8.ª Serie, dezembro (1909), 532-546. Este artigo é antecedido por uma carta do Ministro Geral da Ordem Franciscana endereçada ao mesmo padre António de Santa Maria (Cf. páginas 473-475).

⁸⁹ Cf. Silva, OFM, A. Correia de, “Conventio inter S. Sedem et Lusitaniae Rempublicam: notis historico-iuridicis illustrata”, *Apollinaris*, Series A, *Studia*, n.º 5 (1928).

⁹⁰ Cf. Silva, OFM, A. Correia de, “De nova constitutione politica Reipublicae Lusitanae,” *Apollinaris*, VIII (1934), 53-72. No exemplar que me chegou às mãos, uma separata, alguém escreveu (o próprio Santa Maria?): «Respeitosa homenagem do», e aqui aproveita o nome do autor impresso – «A. Correia de Silva, O.F.M. –», continuando: «ao M. R. P. António Ribeiro». O Padre António Ribeiro foi também um missionário franciscano em Moçambique, mas não da primeira leva.

- COSTA, Bernardino Ferreira da. *O Movimento Litúrgico em Portugal: Dom António Coelho, o protagonista*. Roriz: Edições Ora & Labora, 2009.
- COSTA, Bernardino Ferreira da. *O Movimento Litúrgico em Portugal*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.
- FERREIRA, J. Augusto. *Estudos Historico-Litúrgicos: Os ritos particulares das Igrejas de Braga e Toledo*. Coimbra: Coimbra Editora L.da, 1924.
- FERREIRA, José Augusto. *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (séc. II – séc. XX)*, Tomo IV. Braga: Ed. Mitra Bracarense, 1934.
- FERREIRA, José Augusto. *Notas Biographicas do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Manuel Vieira de Mattos*. Famalicão: Tip. Minerva, de Cruz & Sousa, L.da, 1927.
- FREITAS, Bernardino J. Senna de. *Memorias de Braga*. Braga: Imprensa Católica, 1860.
- GOMES, Josué Pinharanda. *A tradução portuguesa do “Curso de Filosofia” do Cardeal Mercier (Viseu, 1904)*, 1983.
- LOPES, F. Félix. *Missões Franciscanas em Moçambique: 1898-1970*. Braga: Tip. Editorial Franciscana, 1972.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal: Desde os tempos mais antigos até ao Governo do Sr. Marcelo Caetano*.
- MOREIRA, (frei) António Montes. *Cinquentenário de Montariol*. Braga: Tip. Editorial Franciscana, 1979.
- OLIVEIRA, Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa: União Gráfica, 1958.
- POLICARPO, João Francisco de Almeida. *O pensamento social do grupo católico de «A Palavra» (1872-1913)*. Coimbra: Universidade, 1977.
- REMA, Henrique Pinto. *Crónica do Centenário da CONFHIC – II Das Origens à República*: Braga, 1979.
- ROCHA, Pedro Romano. “Introdução,” In *Breviário Bracarense de 1494: Reprodução em fac-símile do exemplar da Biblioteca Nacional*. Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- VAZ, A. Luís. *O Rito Bracarense*. Braga: Editor José de Portugal Fernandes Dias, 1970.

Fontes manuscritas

Decretos e actas relativos a esta Seráfica Província de Portugal. APPOF, Armário 2: Documento 22.

Livro das Patentes. Arch. A-2 (Convento de Montariol).

Matrícula-Índice: 1815 a 1892. APPOF, Armário I, 3: número 55.

Memorial do Guardião de Varatojo Fr. António de Santa Maria: Capítulo Provincial da Província de Portugal, 1893.

Memorial do Guardião de Varatojo Fr. António de Santa Maria: Capítulo Provincial da Província de Portugal. APPOF, Armário I, 3: Documento 80, 1893.

Ministro da Legação de Portugal junto da Santa Sé, *Carta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros.* Arquivo da Embaixada junto da Santa Sé, Caixa 66: Documento 83.

Profissões Simples: desde 1862 a 1901. APPOF: Documento 41.

“Revista Seraphica” (manuscrito) (Convento de Montariol).

Fontes Pró-manuscritas

REMA, Henrique Pinto. *Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos*, Volume II b. Lisboa: Pró-manuscrito, 2005.

REMA, Henrique Pinto. *Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos*, Volume III. Lisboa: Pró-manuscrito, 2005

RIBEIRO, Bartolomeu. *Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos.* Varatojo: APPOF, pró-manuscrito, 1955.

RIBEIRO, Bartolomeu. *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular.* Leixões: Pró-manuscrito, 1946.

TRINDADE, João da Santíssima. *Algumas Notas Biográficas [extracto] a respeito do P. Frei João da Ss. Trindade e Sousa.* Lisboa: pró-manuscrito, 1963.

Atos Oficiais da Santa Sé

Acta Apostolicæ Sedis, volumen I. Roma: Typis Polyglotis Vaticanis, 1909.

Acta Sanctæ Sedis volumen XL. Roma: 1907.

Acta Sanctæ Sedis volumen XXXIII. Roma: 1905-1906.

Acta Sanctae Sedis volumen XXXIX. Roma: 1906

Acta Sanctae Sedis, volumen XLI. Roma: 1908.

Bentus P.P. XV. “Bula Comissum humilitate nostræ,” In *Acta Apostolicae Sedis*, n.º 17, Ano VI, Vol. VI (novembro de 1914), 551.

Pius P.P. X. “Epistola Encyclica Iamdudum,” In *Acta Apostolicae Sedis* vol. III, n. 7 (1911), 217-224.

Publicações Periódicas

“Movimento Litúrgico,” *Opus Dei: revista litúrgica mensal* 4.º Ano (1929-1930): 110.

Ação Católica Ano XIII, n.º 10 (outubro 1928), 308-309.

Acta Ordinis Fratrum Minorum Ano LVII, Fasc XI (novembro 1938), 318.

ARAÚJO, António de Sousa. “A Juventude Antoniana: Uma Instituição de origem portuguesa (1896-1996) (Ligeiros apontamentos).” *Itinerarium* Ano XLII, n.º 154 (janeiro-abril 1996): 171-184.

Boletim Mensal Ano XXXI, n.n. 9 e 10 (setembro-outubro 1938), 385-432.

CRUZ, Manuel Braga da. “As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo.” *Análise Social* vol. XIV, 54 (1974), 525-607.

DE ALMEIDA, Luís. “Bodas de Oiro das Missões Franciscanas: o primeiro grupo missionário.” *Missões Franciscanas*, n. 62 (1948), 18-20.

FREITAS, Bernardino J. Senna de. “Rito Bracarense.” *Voz da Verdade* 10.º ano, n.º 39 (24 de dezembro de 1903), 460-461.

FREITAS, Bernardino J. Senna de. “Rito Bracarense.” *Voz da Verdade*, 10.º ano, n.º 40 (31 de dezembro de 1903), 472-473.

GOMES, Pinharanda. “D. Manuel Vieira de Matos, Bispo da Guarda (1903-1914): Um esboço cronológico para servir à sua biografia.” *Theologica*, 2.ª Série, 43, 2 (2008), 451-468.

MACEDO, José Adílio B. “D. António Barroso, Afonso Costa e a Pastoral Colectiva,” *Lusitania Sacra* 2.ª Serie, 6 (1994), 327-353.

MONTALVERNE, Frei. “Bodas de Oiro das Missões Franciscanas: o primeiro grupo missionário.” *Missões Franciscanas*, n. 62 (1948), 36-57.

MOREIRA, António Montes. “A Restauração da Provincia Franciscana de Portugal em 1891.” *Archivo Ibero-Americano* 42 (1982), 509-650.

MOREIRA, António Montes. “A Restauração da Provincia Franciscana de Portugal em 1891.” *Itinerarium* XXXIX (1993), 222.

- RAMOS, Joaquim Azevedo José. “Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910,” *Lusitania Sacra*, 2.^a série, 3 (1991), 215-264. <http://hdl.handle.net/10400.14/4890>.
- VENTURA, António. “A contestação ao Centenário Antoniano de 1895.” *Lusitania Sacra* 2.^a Serie, 8/9 (1996-1997), 361-383. <http://hdl.handle.net/10400.14/4936>.
- Voz de Santo Antonio* 15.^o Ano, n.^o 12, 8.^a Serie (dezembro 1909), 453-612.
- Voz de Santo António* 4.^o Ano, n.^o 16, 2.^a Série (abril 1898), 487-512.
- Voz de Santo António* 4.^o Ano, n.^o 17, 2.^a Serie (maio 1898), 512-544.
- Voz de Santo António* 4.^o Ano, n.^o 23, 2.^a Serie (novembro 1898), 705-736.
- Voz de Santo António* 4.^o Ano, n.^o 24, 2.^a Serie (dezembro 1898), 737-768.
- Voz de Santo António* 5.^o Ano, n.^o 1, 2.^a Serie (fevereiro 1899), 33-64.
- Voz de Santo António* 6.^o Ano, n.^o 24, 3.^a Serie (dezembro 1900), 737-769.
- Voz de Santo Antonio* 8.^o Ano, n.^o 2, 4.^a Serie (fevereiro de 1902), 416-448.
- Voz de Santo António* 4.^o Ano, n.^o 18, 2.^a Serie (junho 1898), 545-576.

Dicionários e Enciclopédias

- CLEMENTE, Manuel. “A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo à República,” In *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira de AZEVEDO, coord. Manuel Clemente e António Matos Ferreira, volume 3. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002.
- FONTES, Paulo F. de Oliveira. “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia,” In *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira de Azevedo, coord. Manuel Clemente e António Matos Ferreira, volume 3. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002.
- M. I. S., “CUNHA, D. Manuel Baptista da (1843-1913), arcebispo de Mitilene e arcebispo de Braga,” In *Dicionário Biográfico Parlamentar: 1834-1910, A-C*, dir. Maria Filomena Mónica (Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Assembleia da República, 2004).
- NETO, Vítor. “A questão religiosa na Primeira República portuguesa,” In *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*, cord. Alda Mourão e Angela de Castro Gomes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Autoria do frei António de Santa Maria Correia, OFM

CORREIA, P. A. de S. M. “O Programma de S. Francisco,” *Voz de Santo António* 15.º Ano, 8.ª Serie (dezembro 1909), 532-546.

SILVA, OFM, A. Correia da, “Conventio inter S. Sedem et Lusitaniae Republicam: notis historico-iuridicis illustrata,” *Apollinaris* Series A, Studia, n.º 5 (1928).

SILVA, OFM, A. Correia da, “De nova constitutione politica Reipublicae Lusitanae.” *Apollinaris* vol. VIII (1934), 53-72.